

ENSINO DE HISTÓRIA E AS NARRATIVAS FÍLMICAS DE *A HISTÓRIA DAS COISAS E TEMPOS MODERNOS*

TEACHING HISTORY AND THE MOVIES NARRATIVES OF THE STORY OF STUFF AND MODERN TIMES

Eliane Leite Barbosa Bringel¹

Vasni de Almeida²

RESUMO : Este texto apresenta uma análise e possibilidades das narrativas fílmicas de “A História das Coisas”, de Annie Leonard (2007), e “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin (1936), na perspectiva de o filme ser utilizado como recurso didático-pedagógico nas aulas de História, tendo como ponto de partida pesquisa feita no Mestrado Profissional em Ensino de História [ProfHistória, programa de pós-graduação stricto sensu em Ensino de História/Universidade Federal do Tocantins (UFT), cidade de Araguaína, Estado de Tocantins (TO), Brasil], que teve como objetivo investigar o uso do filme na condição de recurso didático-pedagógico significativo no processo de ensino-aprendizagem de História. Buscamos também nos aproximar das compreensões dos alunos acerca da utilização do mencionado recurso. A análise e o uso dos filmes em uma proposta didática evidenciaram que eles podem contribuir para a (des)construção do conhecimento histórico em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; narrativa fílmica; recurso didático-pedagógico.

ABSTRACT: This paper provides an analysis and possibilities of the movies narratives of "The Story of Stuff" by Annie Leonard (2007) and "Modern Times" by Charles Chaplin (1936) in the perspective to use them as didactic-pedagogical resources in History teaching. It is based on a research done in the Professional Master's in History Teaching of Universidade Federal de Tocantins (UFT), located in Araguaína city, Tocantins, state of Brazil. It aims to investigate the use of movie as significant didactic-pedagogical resource in the teaching-learning process. It was sought to get closer to the students' understandings about the use of this resource. The analysis and the use of movies in a didactic proposal showed that they can contribute for the construction/deconstruction of historical knowledge in the classroom.

KEYWORDS: History Teaching; movie Narrative; didactic-pedagogical resource.

¹Graduada em História/UNITINS. Mestre em Ensino de História/UFT. Professora Substituta/UFT/Araguaína (TO). elianelbb@hotmail.com.

²Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, Campus de Assis, SP. Docente do Curso de História da UFT, Campus de Porto Nacional. Membro do Programa de Mestrado em Ensino de História, PROFHISTÓRIA, Núcleo da UFT.

ABORDAGEM INICIAL

Em nossa prática pedagógica, sempre nos preocupamos com as técnicas de ensino, o que se manifesta, por exemplo, pelo gosto de utilizar filmes em nossas aulas e no interesse de aprofundar os conhecimentos teóricos e metodológicos sobre o uso das narrativas filmicas em sala de aula. Nesta perspectiva, o mestrado em Ensino de História, cursado na Universidade Federal do Tocantins, no Programa de Pós-Graduação ProfHistória, no período de agosto de 2014 a agosto de 2016, se apresenta como uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos teóricos e metodológicos que permeiam o uso do filme no ensino-aprendizagem de História. Com este intuito, tomamos como referência para o tratamento do tema a aplicação de uma experiência didática que envolve o uso dos filmes “A História das Coisas”, de Annie Leonard (2007), e “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin (1936), como recurso didático-pedagógico no ensino-aprendizagem de História. Aplicamos a proposta didática “Mundo do trabalho”, elaborada segundo pressupostos da Aula Oficina de Isabel Barca (2004), na Escola Municipal Zeca Barros, em Araguaína-TO, numa turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Como estratégia metodológica, utilizamos os princípios da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), cuja abordagem é de natureza qualitativa. Para a geração de dados, recorreremos à aplicação de questionários. Sobre uso desse aporte teórico e metodológico, os dados apontam para o fato de que o processo ensino-aprendizagem de História pode ocorrer com base em diálogos teóricos que remetem para discussões acerca do uso de imagens em movimento, o que permite abordagens historiográficas que podem nortear a prática docente (BRINGEL, 2016).

Neste texto, apresentamos a análise dos filmes trabalhada na proposta didática “Mundo do Trabalho”. A análise da narrativa filmica aqui exposta compõe o segundo capítulo do texto dissertativo *O Uso do Filme no Ensino e Aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos – EJA em Araguaína (TO)*. Nosso objetivo ao apresentar essa análise é dar ênfase às possibilidades de ensinar e aprender História por meio dos filmes como recurso didático-pedagógico, partindo da premissa de que os materiais didáticos são importantes instrumentos que colaboram para que o processo de construção do conhecimento histórico na escola seja muito mais dinâmico e eficaz. Sobre a importância dos materiais didáticos no processo de ensino aprendizagem, Bittencourt afirma:

os *materiais didáticos* são instrumentos de trabalho do professor e do aluno, suportes fundamentais na mediação entre ensino e aprendizagem. Livros didáticos, filmes, excertos de jornais e revistas, mapas, dados estatísticos e tabelas, entre outros

meios de informação, têm sido utilizados com frequência nas aulas de História. (BITTENCOURT, 2011, p.295).

Conscientes da importância dos materiais didáticos na prática pedagógica, a pesquisa de mestrado teve como objetivo investigar o uso do filme como recurso didático-pedagógico significativo no processo de ensino-aprendizagem de História. Buscamos, também, nos aproximar das compreensões dos alunos acerca da utilização do mencionado recurso. Aproximar-se das compreensões do aluno impõe ao professor uma nova forma de pensar as práticas de ensino e de aprendizagem, uma postura orientada a uma educação para o desenvolvimento. Nesse sentido, Barca (2004) assinala:

se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceituação dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por eles e os produtos daí são integrados na avaliação (BARCA, 2004, p. 132).

O ensino de História no Brasil carrega as marcas de um saber dependente da memorização de textos, de nomes de autores e da prática da escrita. Essa tradição remonta à presença dos jesuítas na condução do ensino brasileiro. De acordo Aranha (2006), as práticas e conteúdos que os jesuítas desenvolveram na educação brasileira foram desenvolvidas segundo regras sistematizadas no *Ratio Studiorum*³. O método pedagógico dos jesuítas era bastante exigente com a didática, indicando a repetição dos exercícios para facilitar a memorização. Mas é apenas na configuração da História como disciplina no currículo brasileiro, no século XIX, que ela ganha contornos definitivos.

A História foi instituída como disciplina escolar autônoma pela criação do Colégio D. Pedro II, em 1837. De acordo com Abud (2009), o Colégio D. Pedro II foi criado com o objetivo de formar os filhos da nobreza da Corte do Rio de Janeiro de modo a prepará-los para o exercício do poder. No ano seguinte à criação do referido colégio, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), ao qual coube constituir a genealogia nacional no sentido de dar uma identidade à nação brasileira. A maioria dos professores do Colégio Pedro II era formada por membros do IHGB. Segundo a autora, a escrita produzida pelo IHGB era inspirada no método francês do século XIX, que tinha como foco memorizar os fatos em ordem cronológica, tendo como referência a construção dos estados-nação, bem como dar

³ Método desenvolvido pelo Padre Acquaviva, da Ordem dos Jesuítas, no final do século XVII.

relevância aos valores morais e cívicos. As metodologias de ensino embasavam-se em aulas expositivas e no estímulo à memorização de datas, fatos e nomes. Nessa perspectiva, o Pedro II e o IHGB representam, na segunda metade do século XIX, as instâncias de produção do conhecimento histórico que dispunham do mesmo arcabouço conceitual.

Durante o Período Imperial, o ensino de História apresentava-se como uma possibilidade de estudo de um passado que explicasse o presente das camadas sociais que comandavam a nação. Essa perspectiva de ensino não mudou muito com o advento da República. Se no Império, a História ensinada privilegiava a ideia de nação, na República, a ela caberia a função de instituir uma nacionalidade, conforme nos informa Abud (1998). Durante a fase varguista, conclui a autora, a História deveria cumprir seu papel de instaurar uma identidade ao povo brasileiro considerando seus heróis.

Na década de 1960, os sujeitos históricos que não tinham visibilidade passaram a ser objeto do estudo e do ensino de História. As lutas dos trabalhadores, as rebeliões e as resistências populares, com vistas a ingressar na narrativa história, exigiram novas metodologias, novas abordagens. Foram necessários, enfim, métodos de estudar e ensinar História tendo como referência o cotidiano das pessoas simples, não mais somente as camadas dirigentes. Seria necessário, ainda, superar a memorização como recurso de aprendizagem.

Conforme Berutti e Marques (2009), com a influência da Escola dos Annales no Brasil, a partir da década de 1960, houve o redimensionamento dos limites da História, envolvendo aspectos da vida social, com destaque dado aos aspectos sociais e coletivos e com a ampliação da noção de fonte para além da escrita. Em consonância com este pensamento, Ferreira e Franco (2013) afirmam que a escola dos Annales representa um profundo movimento de transformação no campo da História, por ter questionado a hegemonia da História política, segundo a qual era cheia de defeitos, pois era elitista, anedótica, individualista, subjetiva e factual. Estes mesmos autores defenderam uma nova concepção em que o econômico e o social ocupassem lugares equivalentes. Tendo em vista essas discussões, novos objetos e novas fontes passaram a ser utilizados e a contribuir com os estudos históricos.

O USO DO FILME NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

A utilização de filmes como recurso didático-pedagógico nas aulas de História é uma prática metodológica bastante utilizada pelo professor dessa disciplina há bastante tempo.

Apesar das possibilidades inerentes a esse recurso, muitos ainda são os desafios que envolvem seu uso em sala de aula.

Conforme Schmidt (2011), “se é importante tomar o passado como objeto do ensino e da aprendizagem da História, é mais importante ainda reinventar as formas de ir ao passado [...]” (SCHMIDT, 2011, p.89). O filme, desde seus primeiros usos no início do século XX, foi uma das formas de representar o passado. E as representações são possibilidades tais quais as práticas econômicas e políticas de compreender diferentes grupos sociais segundo concepções que fazem do mundo (CHARTIER, 1990).

No século XXI, o filme tem sido um recurso de comunicação audiovisual que possibilita ao professor desenvolver suas aulas de maneira mais didática, tornando-as mais atrativas para o educando. Podemos afirmar que o trabalho com obras cinematográficas não só estimula a pesquisa sobre o passado como influência, de forma intensa, a imaginação do espectador. Nas palavras de Napolitano (2009):

a peculiaridade do cinema é que ele, além de fazer parte do complexo da comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer (não nos esqueçamos), e constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada. O professor não pode se esquecer destas várias dimensões do cinema ao trabalhar filmes em atividades escolares (NAPOLITANO, 2009, p.14).

Segundo esse autor, ao utilizar o filme como recurso didático em suas aulas, o professor não deve esquecer que o filme é uma obra de arte que traz consigo suas peculiaridades. Esse profissional deve atuar como mediador entre a obra e os alunos, propondo-lhes leituras mais amplas, orientadas para além do puro prazer, com vistas a fazer a ponte entre emoção e razão, de forma mais direcionada. Nessa perspectiva, o professor deve incentivar o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, estabelecendo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Ainda conforme Napolitano (2009):

ao escolher um ou outro filme para incluir nas atividades escolares, o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos. Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação a faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino aprendizagem (NAPOLITANO, 2009, p.16).

No processo de seleção do filme que irá trabalhar em sala de aula, ainda conforme o autor, o professor deve levar em consideração o problema da adequação e da abordagem, por meio de reflexão prévia de seus objetivos gerais e específicos. Em conclusão, aponta para a

necessidade de planejamento das atividades pedagógicas que fazem uso do filme como recurso didático.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS FILMES ANALISADOS

Apresentamos aqui considerações acerca dos filmes *A história das Coisas e Tempos Modernos*, com a intenção de sinalizar para conhecimentos históricos que os alunos poderão construir com seus usos. Nosso objetivo é problematizar as propriedades específicas da linguagem cinematográfica, que se revelam e se escondem nas narrativas de cada filme. Nessa perspectiva, a análise recai sobre o processo da narrativa fílmica, focalizando também o acesso ao saber histórico por meio dessas produções.

Como todo conhecimento, os que se referem ao “mundo do trabalho” não são estáticos. Ao contrário, eles se transformaram no mesmo ritmo das grandes mudanças políticas e sociais do último século. O trabalho possibilita ao ser humano a transformação da natureza e sua utilização a seu favor. É certo dizermos que não existe produção sem trabalho, dado que, no decorrer da História, as sociedades humanas se organizaram de várias formas para desenvolver trabalhos que atendessem às suas necessidades. Dessa forma, os alunos devem ser preparados para entender que o mundo do trabalho dialoga com a História e vice-versa.

Nos filmes *A História das Coisas e Tempos Modernos*, as representações de questões sociais, as apropriações dos conceitos envolvendo o tema trabalho e até mesmo o uso de fábricas como cenário para o desenrolar de narrativas deixam evidente a existência de uma comunicação entre questões sociais e suas formas de representação. Sobre as representações do mundo social, Chartier (1990) escreveu:

as representações do mundo social assim constituídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p.17).

A utilização do filme no processo ensino-aprendizagem de História pode ser de grande valia para compreensão das representações da realidade social em diferentes momentos históricos. Sendo assim, o entendimento teórico aqui utilizado se firma nos postulados de Chartier (1990) e, por consequência, nos postulados da Nova História cultural.

A NARRATIVA FÍLMICA DE *A HISTÓRIA DAS COISAS*, DE ANNIE LEONARD

O documentário *A História das Coisas*, versão brasileira do documentário norte-americano *The Story of Stuff*, foi um desses fenômenos da *internet*, visto por mais de 12 milhões de pessoas ao redor do mundo. A história abordada no documentário revela uma história por trás de tantos sonhos de consumo, como joias, carros, roupas, computadores.

O documentário *A História das Coisas* foi lançado no Brasil em 2007, com duração de vinte e um minutos, dirigido e apresentado pela ambientalista e ativista americana Annie Leonard, que nasceu em 1964, em Seattle, Washington. A documentarista é especialista em comércio internacional, cooperação internacional, desenvolvimento sustentável e saúde ambiental. De forma dinâmica e objetiva, identifica a relação entre os problemas sociais e o meio ambiente. O documentário chama a atenção para a urgência de encontrar novas formas de criar um planeta mais sustentável. Segundo sua narrativa, vivemos em uma sociedade na qual a política capitalista desenfreada é o principal fator que move a economia. Propositalmente, as indústrias desenvolvem novos produtos baseados em um sistema de produção linear. Nele, os recursos naturais são utilizados e devolvidos ao meio ambiente em forma de agentes tóxicos, e a mão de obra é pouco valorizada, tornando os indivíduos presentes nesse sistema cada vez mais submissos à forma segundo a qual ele é desencadeado.

O documentário *A História das Coisas* deu origem ao livro homônimo, da mesma autora, lançado em 2011 pela editora Zahar. Nesse livro, a autora aprofunda-se nos cinco estágios da economia – extração, produção, distribuição, consumo e descarte –, expondo os impactos causados por esse sistema na natureza, sociedades e nos seres humanos, descrevendo os custos reais (que, muitas vezes são imperceptíveis aos olhos do consumidor) das coisas que utilizamos.

No livro homônimo, a documentarista retoma e aprofunda o tema, explicando de onde vêm as matérias-primas, por exemplo, das camisetas de algodão e das latas de alumínio que usamos, a forma como esses artigos são produzidos, distribuídos e consumidos e o que acontece depois que jogamos tudo isso no lixo. O impacto de todo esse processo consumista sobre a Terra e os seres humanos é enorme e aterrador.

A autora passou duas décadas rastreando o tráfico internacional de lixo, combatendo o descarte pela incineração e estudando a economia dos materiais nos mais de trinta países que visitou. A conclusão à qual chegou, porém, é otimista: ainda é possível mudar os rumos desse sistema econômico poluidor. Para isso, a ambientalista propõe grandes transformações na

máquina extrair-fazer-descartar e outras pequenas, mas essenciais, que podem ser adotadas desde já por todos nós.

De acordo com *A História das Coisas*, na contemporaneidade, os produtos são criados de forma a serem descartados rapidamente, fazendo com que a sociedade busque consumi-los cada vez mais. Para esse sistema de consumo funcionar, não são levadas em conta as consequências que serão deixadas para as próximas gerações, instaurando o consumismo exagerado, no qual a valorização e a realização pessoal são “conquistadas” através de um ciclo interminável de consumo e desperdício.

A preocupação central do documentário orienta-se, por conseguinte, na abordagem do consumo exagerado de bens materiais e no impacto agressivo que ele, dada a sua prática desregrada, acaba exercendo sobre o meio ambiente. A produção aponta ainda, de uma maneira bastante clara e didática, todo o processo de produção e consumo, compreendendo as fases de extração da matéria, confecção do produto, venda e ideologia publicitária. A autora discute desde as facilidades relativas às práticas de compra e à falsa ideia de necessidade até o descarte dos produtos em galpões de lixo ou em incineradores. Destaca ainda o mal que esses resíduos tóxicos presentes na confecção e/ou incineração do produto causam não somente ao meio ambiente, mas também à saúde da população em geral.

Percebe-se, no documentário, uma preocupação em mostrar como funcionam o mecanismo de publicidade e toda a ideologia de consumo existentes por trás dessa “necessidade de ter”. Nessas décadas iniciais do século XXI, os bens são criados para satisfazer a estética e a aceitação do indivíduo por parte da sociedade. Assim, quem tem mais e quem tem o melhor passa a ser mais reconhecido no meio em que vive. Dessa maneira, o consumismo interfere também nas relações interpessoais e no *status* social. De acordo com Baumam (2008), as relações humanas, a partir da segunda metade do século XX, tornaram-se porosas e distantes, pois, cada vez mais, se privilegia o supérfluo, resultando que as relações “corpo a corpo” tornam-se cada vez mais escassas, o que favorece o isolamento e a falta de poder da coletividade.

O documentário caracteriza bem o diálogo entre o consumismo da sociedade atual. Cabe aos envolvidos com a disciplina de História sinalizar em que medida o ensino de História pode contribuir para esse debate. Nesse sentido, alunos e professores devem insistir em uma dinâmica de produção/consumo diferente da atual. Para que isso aconteça, deve haver mudanças profundas no modo como os alunos lidam com o consumo. Para Barbosa e Bazzo (2013):

é recomendável a utilização dessa mídia em todos os níveis de ensino, devido à sua curta duração e ao seu fácil entendimento. Entretanto, ressaltamos que as discussões originadas pelo documentário podem adquirir complexidade de acordo com nível de senso crítico dos participantes envolvidos. Constitui-se, também, como fonte para desalienação e/ou chamar a atenção das pessoas para o consumismo exacerbado e o modo de vida neste século XXI (BARBOSA; BAZZO, 2013, p.152).

O meio ambiente não deve ser apenas mais um conteúdo a ser ensinado, devendo gerar questionamentos e críticas. Daí emergir a necessidade de debatê-lo do ponto de vista histórico, o que nos leva a refletir sobre o que cada um de nós pode fazer para amenizar o impacto do consumismo na vida em sociedade. É nessa perspectiva que observamos a relevância do filme para as reflexões acerca da problemática do consumismo e suas relações com o ensino de História.

REFLEXÕES POSSÍVEIS EM *A HISTÓRIA DAS COISAS*

Neste tópico, elencamos exemplos de alguns temas que podem ser desenvolvidos pela utilização do documentário *A História das coisas*, com o objetivo de possibilitar novas perspectivas para o ensino de História. Temas como consumo na sociedade capitalista, processos produtivos e fatores da produção no mundo contemporâneo podem auxiliar o professor a refletir sobre como a imagem foi formada e qual a relação com a sua significação.

O documentário mostra a questão do sistema de produção e sua logística, que nada mais é do que a lógica de um capitalismo global moldado no consumismo sem limites, particularmente nos EUA, um país cujo sistema político é dependente das grandes corporações empresariais e submisso a elas.

Partindo do pressuposto de que o consumo é algo cultural e está relacionado ao modo de produção vigente, é preciso deixar claro para os alunos que vivemos em uma sociedade capitalista. A produção capitalista tem no lucro seu principal objetivo. A dinâmica do atual sistema produtivo de bens, principalmente dos chamados “bens duráveis”, tem como uma de suas estratégias a diminuição da vida útil dos produtos, aumentando, assim, o consumo dessa classe de produtos. Evidentemente, a velocidade nas inovações tecnológicas da contemporaneidade acaba por também contribuir com esse fato.

Quanto à publicidade e outras ferramentas de marketing, elas simplesmente são colocadas à mercê do mercado, o qual, no regime vigente, está alicerçado no “ter e não no ser”. Em nossa compreensão didática, tendo como referência a exibição do documentário, os alunos podem ser orientados a observar os anúncios publicitários veiculados em diferentes

mídias e meios de comunicação. Essa prática pode conduzi-los à identificação da maneira pela qual esses anúncios influenciam nos hábitos de consumo, muitas vezes estimulando a compra de bens desnecessários. Quanto à publicidade e outras ferramentas de marketing, é importante destacar que elas são pensadas nos interesses do mercado, não das necessidades do consumidor.

Tendo em vista o documentário, podem ser propostos debates e novas pesquisas acerca do conteúdo abordado, que podem ser desdobrados em confecção de cartazes, painéis, campanhas de conscientização na escola, além de outras atividades. No entanto, vale destacar que não adianta o uso de tais recursos didáticos se o método empregado não propuser uma leitura reflexiva desses meios, relacionando-os ao contexto do aluno. É pela reflexão que se extrapola o papel passivo da recepção da imagem. Nesse tipo de atividade, é inegável a necessidade de integrar diferentes linguagens nas atividades em sala de aula, o que pode contribuir para melhorar não somente as aulas de História, mas as demais disciplinas.

A NARRATIVA FÍLMICA DE *TEMPOS MODERNOS*, DE CHARLES CHAPLIN

O filme *Tempos Modernos* foi dirigido e estrelado pelo cineasta britânico Charles Chaplin (Charles Spencer Chaplin nasceu em 1889, em Londres, Inglaterra, e morreu em 1977, em Vevey, na Suíça):

título original 'Modern Times'. Lançado em 1936, com duração de 87 minutos, mudo e em preto branco, foi produzido no estúdio United Artists/Charles Chaplin Productions, com fotografia de Ira H. Morgan e Roland Totheroh. O filme custou US\$1.500.000 de dólares (somente para fazer a grande máquina que engole Chaplin e Chester Conklin foram gastos 500 mil), mas nos Estados Unidos rendeu apenas US\$1.800.000. A Itália e a Alemanha proibiram sua exibição, mas em Londres, Paris e Moscou, ele alcançou um sucesso considerável durante o resto do ano (GOMES, s.d., p.67).

Na produção, de acordo com Brandão (2009), Chaplin apresenta a situação do proletariado americano pós-grande depressão de 1929. Em uma obra repleta de mudança repentina, o diretor mostra seu ponto de vista em relação à economia, à vida das classes trabalhadoras e à opressão da sociedade de consumo. Esse foi o filme que representou a passagem do cinema mudo para o cinema falado. O filme tem trilha sonora composta pelo próprio Chaplin, mas as personagens principais não falam. E também foi a última vez em que a personagem Carlitos apareceu nas telas (BRANDÃO, 2009):

Carlitos vive em um período conturbado da história mundial. Chaplin não poderia deixar essa chance passar. Ele, que sempre mostrou preocupação em relação aos temas sociais tratados em seus filmes, sempre concilia a comédia à crítica social. Carlitos, que nunca havia dito uma única palavra, agora estava num grande dilema: falar ou não falar. De início, Chaplin considerava um ponto fora de questão. Se o personagem falasse, morreria. Mas o gênio criativo de Chaplin fez com que, na última aparição do personagem mais querido nas telas do cinema, ele falasse. E ao mesmo tempo não dissesse nada (BRANDÃO, 2009, p.88).

Tempos Modernos focaliza a vida urbana, imediatamente após a crise de 1929, quando a depressão atingiu toda sociedade norte-americana, levando grande parte da população ao desemprego e à fome. Segundo Brandão (2009):

o desemprego é mostrado de uma maneira realisticamente cruel. Após o surto e a prisão, Carlitos não consegue adaptar-se a nenhum novo emprego. Tal situação chega ao extremo de ele buscar a volta à prisão como a única forma de resolver seus principais problemas: a falta de emprego e a fome (BRANDÃO, 2009, p.87-88).

O protagonista Carlitos, depois de um colapso nervoso devido ao excesso de trabalho, é demitido. O personagem é engolido pelas engrenagens e quando é levado ao hospital psiquiátrico, fica atestada sua insanidade mental causada pelo trabalho repetitivo, monótono, desgastante e exaustivo. De acordo Vesentini (2009), o trabalho repetitivo desencadeia a loucura do personagem principal do filme.

Carlitos enlouquecido, puro movimento automático, perseguindo a mulher pela rua, ao confundir botões de seu vestido com parafusos que deve apertar. Sequência que precede seu internamento numa clínica, à saída da qual dizem-lhe 'leve numa boa'. Ironia terrível, pois o esperam o desemprego e a angústia na cidade 'moderna' (VESENTINI, 2009, p.169).

Sabemos que, inicialmente, o lançamento do filme chegou a dar prejuízo, porém, mais tarde, tornou-se um clássico na história do cinema. O roteiro é simples, mas, mesmo assim, consegue prender a atenção de quem assiste ao filme. Há, em seu enredo, uma mistura de comédia, drama e um pouco de romance, fazendo uma paródia da vida real. O filme retrata a exploração do homem pela indústria e aborda, de forma cômica, a mecanização da mão de obra, o capitalismo dos anos 1930 e a desigualdade social. A revolução industrial, ali retratada, toma como ambiente uma fábrica com engrenagens gigantes que opera com processos de linha de montagem, os quais se baseiam em produções em larga escala. Quanto à origem do roteiro, Brandão coloca que:

a ideia da criação da estória surgiu em uma viagem à Europa, onde Chaplin estava lançando o filme 'Luzes da cidade' (City Lights, 1931). Após várias conversas com políticos, entre eles Winston Churchill, ele volta para a América com fortes impressões a respeito da situação política do velho continente, pois, naquele momento, os reflexos da crise se espalhavam por todo mundo capitalista, contribuindo para o fortalecimento do nazifascismo europeu (BRANDÃO, 2009, p.84).

O advento da produção mecanizada em larga escala deu início às transformações e crises no trabalho e na produção tanto na Europa quanto na América do Norte, cujos países eram predominantemente industriais, com suas populações cada vez mais concentradas nas cidades (HOBSBAWM, 1995).

Tempos Modernos tece, assim, uma crítica à sociedade industrial capitalista e contribui, por sua forma e conteúdo, para uma rica discussão em contextos de ensino e de aprendizagem. No entanto, ao se ater aos temas suscitados pelo filme em sala de aula, é preciso levar em consideração o alerta de Mocellin (2009), quando afirma que “a indústria cinematográfica não tem especial compromisso com a veracidade histórica”. Esse é um trabalho de quem lida com pesquisa histórica e seu ensino em sala de aula.

Na narrativa fílmica de *Tempos Modernos*, observa-se, ainda em seu início, uma intrigante fusão de imagens: um grande grupo de ovelhas que, em movimento, transformam-se em operários a caminho do trabalho. Com essa metáfora, Chaplin expõe a dura realidade vivida pelos trabalhadores dessa época, pessoas sem sonhos, sem perspectivas, ou mesmo sem poder de pensar ou decidir, fazendo e agindo automaticamente (BRANDÃO, 2009).

As ovelhas amontoadas, portanto, se tornam uma metáfora do homem. Como se, ao olhar dos donos das fábricas, o animal e o ser humano tivessem a mesma função: trazer lucro a qualquer custo, ou melhor, ao menor custo possível. Assim, como o custo deve ser mínimo, o tempo de descanso do trabalhador também deve ser.

No filme, temos outras metáforas ideológicas: o rebanho correndo para o abatedouro remete ao povo correndo para o trabalho; o relógio representa que o dinheiro e o trabalho são controlados pelo tempo; e o personagem principal balançando a bandeira indica sua adesão às causas comunistas. Sobre as metáforas, que são bastante presentes no filme, Martine Joly (2012) afirma:

na língua, a 'imagem' é o nome comum dado 'à metáfora'. A metáfora é a figura mais utilizada, mais conhecida e mais estudada da retórica, à qual o dicionário dá 'imagem' como sinônimo. O que se sabe da metáfora verbal, ou do falar por 'imagens', é que consiste em empregar uma palavra por outra, em virtude de sua relação analógica ou de comparação (JOLY, 2012, p.22).

Carlitos simboliza, em *Tempos Modernos*, a imagem do operário. Chaplin consegue evidenciar o drama do proletariado em busca de oportunidades, de sobrevivência logo depois da crise de 1929, assim como o drama da fome representado pelos dois personagens principais: o operário desempregado e a mendiga. Devemos lembrar que o mundo do trabalho, desde o final do século XIX, passava por mudanças profundas, com os operários assumindo novas linguagens e formas de organização (HOBSBAWN, 2000).

O filme é atemporal. Apesar de antigo, permite discussões bastante relevantes nos dias atuais, como a vida na sociedade industrial, caracterizada pela produção com base no sistema de linha de montagem e na especialização do trabalho. É uma crítica à "modernidade" e ao capitalismo representado pelo modelo de industrialização, no qual o operário é engolido pelo poder do capital. Isso nos leva a refletir que, no contexto atual, exige-se do trabalhador cada vez mais qualificação.

Em suma, trata-se de uma obra cinematográfica que aborda uma situação histórica de um jeito satírico e reflexivo, podendo, sem dúvidas, ser considerada portadora de uma visão contemporânea. O filme *Tempos Modernos* retrata a época em que a indústria transformou o trabalho em emprego e os trabalhadores passaram a trabalhar por salários, surgindo uma nova cultura. Em razão do surgimento das máquinas industriais, houve necessidade de contratação de grande número de trabalhadores urbanos, passando a existir uma maior concentração populacional nas cidades. Surgiram novos métodos de produção, o que aumentava a produtividade, causando desemprego. Nesse contexto, a excessiva oferta de mão de obra causava redução dos salários, as jornadas eram extensas e as condições de trabalho eram perigosas.

O trabalho, à época da produção do filme, era influenciado pelo *taylorismo*, concepção que fragmentava a atividade fabril e cronometrava o tempo de cada ação, tendo em vista a eficácia da produção e, conseqüentemente, do lucro (MORAES NETO, 1986). Nesse sistema, o operário não tem capacidade, nem formação, nem meios para analisar cientificamente seu trabalho e estabelecer racionalmente o método ou processo mais eficiente (CHIAVENNATO, 2011). O operário, sob esse prisma, servia apenas para receber ordens e executar tarefas, pois era visto como vadio, preguiçoso, razão pela qual era imprescindível a presença do supervisor no processo produtivo. Chaplin sintetiza isso quando o supervisor controla a execução das tarefas apontando o dedo indicador para a esteira e quando retrata o personagem Carlitos como vagabundo.

Em busca do aumento da produtividade e da economia de tempo, o filme apresenta a Máquina Alimentadora Bellows. Ao experimentar o uso da máquina de alimentação no

horário de almoço, o personagem Carlitos serve de cobaia. Durante os testes, a máquina apresenta uma sequência de defeitos e maltrata o operário. Chaplin aponta para uma crítica fundamental ao taylorismo: o desprezo pelo elemento humano no processo produtivo e a desumanização do trabalho industrial. A respeito da experiência à qual Carlitos foi submetido, Vesentini (2009) afirma:

alienado, desqualificado, cobaia, eis Carlitos perplexo sob a violência dessa experiência. A ideia das forças intelectuais voltadas contra o trabalho manual, no aumento da produtividade para o capital, ganha força nessas cenas. Com nenhum saber sobre o processo de trabalho, dominado pela máquina, dotado apenas de movimentos simples e repetitivos, por que não o alienar também dos movimentos pessoais por ele definidos na hora do almoço? (VESENTINI, 2009, p.170).

Na lógica do *taylorismo*, mesmo durante o almoço, as mãos dos operários estariam livres para executar tarefas. Assim, Charles Chaplin consegue imprimir críticas aos sistemas de trabalho imposto aos operários, apresentando um personagem executando atividades fabris de forma coordenada, ritmada, intensa e repetitiva.

Ao analisar o trabalho no sistema capitalista, considerando o filme *Tempos Modernos*, temos que ressaltar as diferenças temporais e de desenvolvimento da tecnologia. Passadas algumas décadas, podemos verificar que, no campo organizacional, as relações interpessoais formais e informais mudaram, no entanto, os trabalhadores ainda continuam a executar trabalhos repetitivos e rotineiros, o que gera fadigas e descasos nos trabalhadores.

Vesentini (2009) pontua que Chaplin faz todas as denúncias possíveis no filme, inclusive a de que a realidade do trabalhador não o despertava para a ação coletiva com a intenção de romper sua situação de exploração. Para esse autor:

todos os momentos de resistência, choque e ações contra o conjunto, na fábrica, na cadeia, na passeata, efetivados por Carlitos, têm duas características: são acidentais e são individuais, não solidários. Como indivíduo, ele recusa o trabalhador coletivo, sendo, no entanto, personagem despido de saber, apenas trabalhador parcial, já alienado. Curioso indivíduo que se lê na procura da felicidade com a companheira, tendo idealizado lar e família. Recusa da ação coletiva e solidária, ao lado da esperança na felicidade: Nós 'consequiremos' (VESENTINI, 2009, p.172).

Trata-se de um filme simples e criativo, que envolve o telespectador e, de uma forma bem engraçada, nos faz perceber até que ponto um homem pode chegar quando enfrenta tempos difíceis. Vásquez (2007) afirma que mesmo que tenha ocorrido, durante a revolução industrial, uma valorização do trabalho e da técnica, isso não chegou a despertar uma valorização do trabalhador e da significação de sua atividade produtiva.

O filme representa a ideia de trabalho e da condição do operário em um ambiente de rápidas transformações econômicas e tecnológicas, conduzindo-nos a pensar a escola como espaço de reflexões acerca das necessidades que surgem no mundo do trabalho. As linguagens filmicas e as imagens em movimento não devem ser utilizadas apenas para chamar a atenção dos alunos, mas, sobretudo, como instrumentos que podem contribuir significativamente para o processo ensino-aprendizagem entre alunos trabalhadores. É preciso saber explorar tais tecnologias no ensino de História.

ACESSO AO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM *TEMPOS MODERNOS*

Por meio desse filme, é possível estudar, em sala de aula, entre outros, os seguintes temas: as relações entre o homem e a tecnologia; a imposição do tempo fabril, marcando o ritmo da vida humana; a organização, condições e exploração do trabalho; a desigualdade social e seus efeitos, tais como a miséria, a fome, os furtos, a criminalidade; a ideia de felicidade e prosperidade supostamente garantidas pelo consumo; a depressão econômica de 1929; e o impacto da revolução industrial.

É possível desenvolver esses temas porque o filme consiste em uma narrativa bem elaborada sobre como se encontrava o mundo do trabalho diante das mudanças que vinham ocorrendo desde a Revolução Industrial. A ascensão das máquinas fez com que milhares de trabalhadores perdessem seu emprego, sendo obrigados a aceitar qualquer posto de trabalho, como no caso do personagem Carlitos, que, durante toda a sua trajetória, está em constante mudança de atividade profissional.

Para o devido uso do filme, é necessário, em primeiro lugar, contextualizá-lo para os alunos, considerando aspectos como o período histórico retratado, as percepções sociais e históricas de diretores e produtores, o contexto social evocado e as condições técnicas de filmagem. A produção mostra a vida urbana dos Estados Unidos depois da grande depressão econômica de 1929. Aborda as consequências sociais que tal crise provocou: desemprego, fome, aumento dos índices de violência. É preciso deixar explícito aos alunos que as condições de trabalho das quais se ocupa Chaplin são aquelas do ápice da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, na Europa, aprimoradas com os avanços tecnológicos do século XIX, como a descoberta da energia elétrica - com aparecimento das ferrovias e do telefone -, manifestada pela forma ostensiva nas modernas fábricas da primeira metade do século XX.

É esse impacto da Revolução Industrial, com seus processos mecânicos que aperfeiçoaram a produção e os lucros, mas que promoveram igualmente o desemprego, que deve ser objeto de reflexão em sala de aula. Se, por um lado, a revolução trouxe avanços no campo da tecnologia, da educação e da saúde, melhorando as condições de vida dos que estão devidamente inseridos no sistema capitalista; por outro, ela trouxe danos ao próprio trabalhador, como o medo do aumento do desemprego e os desgastes físicos e psicológicos em virtude das condições de trabalho. As cenas nas quais Chaplin fica apertando parafusos, mesmo em horário de descanso, e quando "parafusa" os botões da saia da secretária, associadas à cena antológica em que ele é "engolido" pelas engrenagens da fábrica, evidenciam claramente um desequilíbrio social. Essa substituição do homem pela máquina ainda acontece nos dias atuais? Como isso acontece?

Tendo o filme como referência, os alunos podem ser instados a perceber as tecnologias contemporâneas, atentando às suas mudanças ao longo do tempo. O que a máquina de refeições pode dizer sobre o tempo de trabalho em 1930? E nos dias atuais, na segunda década do século XXI, quais os tempos reservados para a alimentação e para o lazer? Atitudes humanitárias podem ser substituídas por recursos tecnológicos? Onde, de fato, a tecnologia é necessária? São questões que podem ser debatidas em sala de aula tendo como ponto de partida o filme de Chaplin.

O emprego de Carlitos na loja de departamentos mostra as diferenças sociais, propiciando um bom momento para um debate entre professores e alunos. O filme permite, de igual forma, a análise sobre os movimentos sociais dos trabalhadores, como os momentos de greves e passeatas. Possibilita ainda analisar com os alunos a prisão injusta de Carlitos por estar apenas segurando a bandeira do manifesto. Considerando o filme, pode-se questionar como os movimentos sociais se desenvolvem e são vistos na sociedade contemporânea.

Há outras perguntas também pertinentes, como, por exemplo: por que o personagem central insiste em voltar para a cadeia? Que ideia de prosperidade manifesta Carlitos quando encontra a jovem órfã, momento no qual a vida do personagem ganha novo sentido?

Com base nas discussões sobre o filme, o professor pode solicitar pesquisas que podem ser feitas em jornais e revistas, sob o intento de serem feitas exposições em forma de cartazes, painéis e muitas outras atividades que possam ajudar na compreensão dos diferentes temas.

No decorrer deste texto, pontuamos as representações históricas do documentário *A História das Coisas* e do filme *Tempos Modernos*. Sobre o primeiro, ressaltamos a preocupação com o desgaste do meio ambiente e com a ideia do consumo, temas que podem

ser desenvolvidos nas aulas de História. Com relação ao segundo, procuramos destacar as mudanças no mundo do trabalho provocadas pela Revolução Industrial, mudanças essas bem exploradas por Charles Chaplin ao focalizar as transformações ocorridas em países que passaram pelos processos econômicos e culturais dessa revolução. Com o desenvolvimento das duas atividades filmicas, buscamos propor temas para o debate, tendo em vista o uso dessa metodologia de ensino.

ABORDAGENS FINAIS

Trabalhar com o filme em sala de aula exige muito mais que escolher um bom filme relacionado a um determinado tema. Exige uma nova postura do professor, o que implica mudanças no seu comportamento pedagógico, principalmente com a adoção de uma visão crítica e problematizada no que se refere ao recurso didático a ser utilizado.

A presente pesquisa apresentou uma análise dos filmes usada na proposta didática “Mundo do Trabalho” e também o acesso ao conhecimento histórico por meio de cada um dos filmes.

Em suma, a experiência de ministrar aulas de História mediadas por filmes tem mostrado que o trabalho pode ser mais produtivo e satisfatório, principalmente para os alunos. Com isso, pode-se dizer que estratégias diferenciadas podem produzir benefícios e maiores resultados na construção do conhecimento histórico e na formação da consciência histórica de nossos alunos. No entanto, o que temos ressaltado neste texto é que o filme não pode ser usado apenas como mais um recurso didático. É preciso estar ciente de que um filme ou qualquer outro recurso didático não resolve os problemas no processo de ensino e aprendizagem por si só, mas pode ser um material que, se bem organizado e trabalhado pelo professor, pode contribuir para bons resultados. Assim, na utilização do filme em sala de aula, há que se ter clareza quanto ao objetivo que se busca e procurar desenvolver a capacidade dos alunos de refletir mais criticamente sobre as informações que adquirem por meio de filmes.

Nesta perspectiva, o aprofundamento de saberes relativos às novas práticas e linguagens no ensino de História pode capacitar o professor em relação às demandas de sua prática pedagógica, uma vez que as linguagens são recursos didáticos, ou seja, meios para mobilizar e construir saberes. As diferentes linguagens, entre as quais o cinema, a música e a literatura, são importantes para reflexões sobre os acontecimentos históricos e os modos como eles são representados.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.18, n.36, p.103-114, 1998.

_____. Currículos de História e políticas: os programas de História do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009. p.28-41.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação e da Pedagogia, Geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BARBOSA, Leila Cristina Aoyama; BAZZO, Walter Antonio. O uso de documentos para CTS em sala de aula. *Revista Ensaio*, Belo Horizonte, v.15, n.3, p. 149-161, dezembro 2013.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do projeto à avaliação. In. *Para uma educação de qualidade: atas da quarta jornada de educação histórica*. Braga, centro de investigação em educação (CIED)/instituto de educação e psicologia, universidade do Minho, 2004.131-144.

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. *Ensinar e Aprender História*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRANDÃO, João Bosco Ferreira. Os Tempos Modernos de Charles Chaplin. *Revista fato & versões*, Uberlândia-MG, v.1, n.1, p.82-90, 2009.

BRINGEL, Eliane Leite Barbosa. *O USO DO FILME NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA EM ARAGUAÍNA-TO*. 2016. 118f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins – UFT. Araguaína- TO: 2016.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1990.

CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à Teoria Geral da Administração*. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. *Aprendendo História: reflexão e ensino*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

GOMES, Morgana. *A vida e os pensamentos de Charles Chaplin*. Rio de Janeiro: 4D, [s.d.].

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 2012.

MOCELLIN, Renato. *História e Cinema: educação para as mídias*. São Paulo: Brasil, 2009.

MORAES NETO, Benedito Rodrigues de. Maquinaria, taylorismo e fordismo: a reinvenção da manufatura. *Revista Administração de Empresas*, São Paulo, v.26, n.4, outubro/dezembro 1986.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. O significado do passado na aprendizagem e na formação da consciência histórica de jovens alunos. In: CAINELLI, MARLENE ROSA; SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. (Org.). *Educação Histórica: teoria e pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2011.p.81-90.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VÁSQUEZ, Adolfo. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão popular/CLACSO Livros, 2007.

VESENTINI, Carlos Alberto. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através do filme. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico em sala de aula*. 11.ed. São Paulo: Contexto, 2009.p.163-175.

FILMOGRAFIAS

A HISTÓRIA das Coisas. Produção de Annie Leonard. EUA: Free range studios, 2007. (21min), color.

TEMPOS modernos. Produção de Charles Chaplin. EUA: Warner, 1936. (87min), preto e branco.

Recebido em 15/11/2017
Aceito em 05/01/2018